SILVA PASSOS

A Verdadeira Lei

EDIÇÃO DO AUTOR

1928

Composto e impresso nas
Of.as da GRAFICA L.DA
18, R. d'Assunção, 24-Lisboa

Francisco da SILVA-PASSOS

A Verdadeira Lei

Seguida de

Semente Sã
Religião do Sol
e
Oração

Excértos do livro de poêmas

O EVANGELHO NÔVO

para serem vendidos em favôr do custeio da Escola Primaria Oficial das Azenhas do Mar

DO AUTOR:

O Evangelho Novo — 1905. Exgotado.

A Pobre Idiota — 1907. Exgotado.

A Barricada — 1910. Exgotado.

A SAIR:

Baladas Extravagantes, verso.

Cartas a Joaninha e outras, verso.

O Livro do Pecadôr, verso.

Claro-Escuro, prosa.

Para o meu grande e querido Fernando Pessôa — grande Poéta e amigo certo — com um formidavel abraço do Pera Passos

Lx. 26-7-28.

AOS GRANDES ANIMADORES ALFREDO DE MAGALHÃES E ALBERTO TOTTA — E A TODOS QUANTOS, POR SUAS DÁDIVAS E SEU TRABALHO, ALEVANTÁRAM NUM BLOCO ROCHÔSO DAS AZENHAS A CLARIDADE-MATER DUMA ESCOLA PRIMARIA.

o. d. e c.

A Verdadeira Lei

RESUMO DE MORAL

Não fazer mal a ninguem,
Eis a primeira verdade.
E' virtude fazer bem:
— *Virtude e Felicidade.*

A VERDADEIRA LEI

« Amae-vos uns aos outros »
Jesus Cristo.

Amae a flor do Lótus,
Mais bela por ser rara;
Amae a verde seara,
E os pobresinhos rôtos.

Amae a vossa Mãe,
Porque vos deu o sêr;
Amae toda a mulher,
E o lyrio amae tambem.

Amar é a Vida. Amae!
Amae o mau e o bom,
A Fórma, a Côr, o Som,
E o vosso velho Pae.

Amae o vosso irmão,
E a Estrela da Manhã;
Amae a vossa irmã:
O amor é a salvação!

E neste amor profundo,
Vós sois de toda a gente...
E, reparae contente,
— É vosso todo o mundo!

« Amor com amor se paga »

Provérbio.

A Flôr dá-nos alegria,
E, junto á côr, o perfume;
Calôr e luz dá o lume,
Dá o Sol a noite e o dia.

Dão-nos carne os animais;
O trigo dá-nos o pão,
E o fructo dos laranjaes
Dá-nos o seu coração.

Se tudo se dá ao Homem
— O Animal, o Sol e a Flor —,
É justo que d'ele tomem
Um poucochinho d'amor.

Não espesinhes a espiga,
Que encontres no teu caminho.
Respeita a avesinha amiga,
Nunca desfaças um ninho.

Não cegues o rouxinol
E o pintasilgo não prendas.
Deixa-os, ao vir do Arrebol,
Cantar o sonho das lendas!

O bom melro não espantes!
— São muitos os figueirêdos —
Que ele coma os figos, antes
Que apodreçam nos rochêdos...

Nunca persigas o cão
Que ás vezes é tão amigo!
Trata-o bem, e é um coração,
Que tens no mundo comtigo.

Que as pombas possam voar
Logo ao vir das alvoradas,
Imitando lá pelo ar
As creanças descuidadas!

Se tudo vae concorrer
P'rá tua felicidade,
Aos que imolas p'ra viver
Deves tratar com piedade.

É pois o dever do homem,
Cujo rizo é a alheia dôr,
Ser bom. E que d'ele tomem
Um poucochinho d'amôr!

Se o homem, para viver,
A vida d'outrem estraga,
Deve a tudo bem querer:
« Amor com amor se paga ».

NOVO MANDAMENTO

« C'etait la fonction de cette voix qui passe
De demander à tous, pour tous — Paix! Pitié! Grace! »

Victor Hugo.

Se um dia, pelo campo caminhando,
Vires caïda a abelha pelo chão,
Não lhe toques sequer e vae pensando
Que, porque a vês na terra trabalhando,
Deves áquele sêr veneração.

E se vires a espiga, tão curvada
Que pareça que cresce de rojão,
Levanta-a com amor e, assim cuidada,
Has-de vê-la, mais tarde, resignada,
Celestemente transformar-se em pão.

E, quando te sorrirem os teus filhos,
Dá-lhe esta norma ideal do viver são;
E vê-los-has, seguindo os mesmos trilhos,
Aliar á purêza dos junquilhos
A bondade d'um nobre coração.

SEMENTE SÃ

Pelo Bem, pela Vida, pela Luz,
Pela Verdade emfim,
Eu, como outr'ora o palido Jezus,
Não posso vêr sofrêr o pobre assim...

Pelo Bem, pela Vida, pela Ideia,
Por tudo quanto é Luz!
Cuidae do pobre lar que não tem ceia,
Dae-lhe do vosso pão como Jezus.

Se um meu irmão um dia me dissésse
Que tinha fome, que lhe désse pão,
Eu não jantava p'ra que ele comêsse...
Ricos, olhae! o pobre é vosso irmão.

Pelo Bem, pela Vida, pela Luz,
Por tudo quanto é Amor!
Aliviai-lhe um pouco a sua cruz,
Cuidae do pobresinho sempre em dôr.

Cuidae da sua vida tão pobrinha,
Cuidae do vosso irmão!
Ha-de pagar-vos, ele, essa esmolinha,
Dando-vos toda a vida a gratidão.

.....
.....

Era tão bom, tão doce, ser a gente
Sem ambições como uma simples flor...
Cumprir o seu destino e, sempre crente,
Viver para a Beleza e para o Amor!

Sem ambições, sem vicios, sem batalhas,
Reinando a Paz sómente,
E, sem o estrondo rouco das metralhas,
Comer o Pão da Vida suavemente!

Era tão bom! tamanha era a doçura
D'uma existencia simples, crente e pura!

Todos irmãos juntinhos para a Vida,
Cheios todos de Luz e de Bondade,
Colonia gigantêsca sempre unida,
Como uma só familia — a Humanidade!

Seria tão sublime esta união:
Uma só alma, um peito, um coração!

A voz seria suave como a Lua,
E o esforço da enxada como o Sol;
A Alma uma aza que no ar fluctúa,
E o Coração um sonho do Arrebol.

Era tão bom, tão simples e tão doce!...
Ai, que belo seria que assim fosse!

Um pobre pede esmola? — dae-lhe pão! —
Um coração amor? — pois dae-lhe amor! —
Uma alma sofre? — dae consolação
A essa pobre alma, ao triste coração! —
E assim tereis a suave paz da Flôr.

Pede-lhe a abelha mel, e ela dá mel. —
O Zéfiro perfume, e a Flôr o dá. —
Dá ao ovário calôr, inda que géle!
E sécca, porque o fruto a isso a impéle. —
Mais simples e sublime nada ha!

Quereis a Paz da Vida? — tê-la-heis. —
Quereis a Luz? — pois bem; haveis de tê-la. —
Vossa missão cumprindo, vivereis,
Com verdade vos digo, se quereis
Seguir o exemplo simples da Flôr bela.

Nada vos custa ter como modêlo
O trêvo ou a magnolia, a rosa, o lyrio...
Voss'alma brilhará qual sete-estrêlo,
E haveis de transformar num Éden belo
A estrada doloroza do Martyrio.

RELIGIÃO DO SOL

O Sol vae descaïndo.
Ó belo Sol, não vás
Deixar á Lua triste o dominio da Terra!
Fica doirando o Monte, alumiando a Serra,
Dando rizo aos jardins e côr aos laranjaes.

Fica a pintar o quadro imenso, inimitavel,
Que é a Terra, quando tu a banhas no teu brilho.
Vem tornar o meu sonho alado realisavel;
Ó grande Sol, não vás abandonar teu filho!

No teu eterno brilho, ó Pae forte e divino,
Como enches d'alegria o nosso coração!
A luz é o Bem, cada teu raio é um hymno.
És para o sonhadôr a Fôrça e a Salvação.

Não fujas para longe! Aloira a face ao monte,
Coberto d'olivaes! Espalha a tua calma
Por sobre a Terra em flôr. Dá vida ao horisonte.
Ó Pae, não vás fugindo ao beijo da minh'alma!

. . . . . .
. . . . . .

A Luz vitalisando a Terra, em que existimos
Mercê do próprio Sol que fez brotar o Amor,
É quem nos dá a fôrça alegre que sentimos:
Eu hoje trabalhei tal qual um cavador...

Eu hoje, enxada em punho, era capaz até,
Bem capaz, de cavar cem metros d'extensão.
O Sol dava-me fôrça, enchia-me de fé,
E era alegre e sádio o triste coração.

Os montes, os jardins, os olivaes e as matas,
Tudo verde e em flôr, tudo gritava a fôrça
Da Seiva que crescia, e as águas das cascatas
Cantavam, a correr como celére côrça.

As rosas, d'um vermelho alegre e bem sádio,
Enchiam d'harmonia os cantos dos jardins,
E um pobresinho, a rir porque não tinha frio,
Aspirava, contente, o cheiro dos jasmins.

As abelhas, zumbindo os psalmos do trabalho,
Voavam pelo mel. E, numa forja clara,
Batendo o ferro em braza, erguia um grande malho
Um ferreiro, talhado em marmor' de Carrára.

Pelas vinhas passava um charrueco em ferro,
O sólo a revolvêr; e, lá num campo enorme,
Ia um carro sabino, a delirar num berro,
Com estrume a fervêr, — que a materia não dorme!

Verberações do Sol andavam pelo ar.
E o canto da cigarra, alucinadamente,
Enchia de volupia enorme o seio ardente
D'uma linda aldeã que ceifava a cantar.

Os campos marginais d'um estreito ribeiro
Que corria de manso e rápido e sereno
Ouviam molemente os versos d'um salgueiro
Que beijava a corrente, extravagante e ameno.

A Luz, banhando a Terra e fecundando o mundo,
Dava a Côr, dava o Som, numa harmonia extrema.
E, descendo até ele, a fulgurante Gêmma
Beijava o Sonhadôr num ideal profundo.

*

* *

Mas lá se foi o Sol. — Ó Luz, ó minha Mãe,
Que amargura sem fim! que interminavel noite!...
..... Volta depressa! Vem!
Dá-me, em raios d'Aurora, o manto a que me acoite!

Quem me déra sentir o bom raiar do Dia!
Todo o belo da Côr, a Vida a resurgir,
Desabrochar a Flôr, cantar a cotovia,
O Sol subindo o Azul, e os melros a fugir!

As sombras como veos subtis, mas sobrepostos,
Nêgros na união, mas leves na verdade,
Fugirem, um a um, deixando vêr os rostos
Das Coisas naturais, ao vir da Claridade.

E, d'instante a instante, um manso passarinho,
Pintasilgo ou pardal, mestiço ou rouxinol,
Docemente a chilrar, voar devagarinho
Por sobre a Terra em flôr, na religião do Sol.

As arvor's a aspirar o perfume das flôres;
Nuvens brancas no Azul que esvoaçam como véos...
Tudo suave e bom, tudo a tecer amôres:
Cantico universal que se ergue para Deus!

Como eu hei-de sorrir alegre e descuidado,
Aspirando com força o ar todo pureza!...
E, como á luz do Sol, me sinto libertado,
Logo que amanhecer, hei-de ir, insaciado,
Ao banho salutar da fresca Natureza.

Março de 1904.

HYMNO DA VIDA

. . . . . .
. . . . . .

A Terra é muito grande; ha muita ainda
Que inda não foi cavada e será linda,
Quando houver braços para a fecundar.
Inda não falta pão; falta sómente
O Amôr que una num laço toda a gente,
Esse Amôr, por que eu ando a batalhar.

Tenho dois braços que me foram dados
Para escrever meus versos revoltados,
Para na Vida os outros abraçar —
Sou fraco?... Mas qu'importa, se a vontade
Quer pão e quer Amôr, quer liberdade?...
— Quem tem vontade, póde trabalhar —

Lá brilha o Sol que dá a fortaleza...
Vamos tecer, sem mêdo da pobreza,
O nosso ninho d'oiro, minha Amada!
Iremos, de manhã, devagarinho,
Buscar as penas para o nosso ninho;
E eu pegarei sem mêdo numa enxada.

Então, irei cavar a dura encosta:
Quem é Pae tudo vence e tudo arrosta!
Tu sorrirás, quando eu voltar do Monte,
Vendo fartos de pão os nossos filhos;
E, á tarde, iremos nós, por entre os milhos,
Vêr sumir-se o bom Sol pelo horisonte.

Vamos de braço dado para a Vida!
Hei-de-a tornar tão bela e tão florida,
Que jámais voarás dos braços meus.
Os rizos das creanças são harpejos
Da symfonia ideal dos nossos beijos...
... E, á noite, eu rezarei: « Graças a Deus!»

ORAÇÃO

Cae a bruma da tarde. Ao longe, o Mar
Quebra o Silencio, erguendo os seus bramidos
Á lividez estoica do Luar
Que espalha no horisonte os seus vestidos.

Perfumes encantados vão subindo
Para o Azul do Ceo que empalidece.
Vêm a mêdo, minusculas, luzindo
As estrelas, que o Dia desvanece.

Brancas nuvens perpassam a correr,
Levando retratadas nossas mágoas,
Prantos que, aos pés de Deus, irão gemer
O sofrimento múrmuro das agoas.

Ao longe, alvejam serras e aldeias...
Quantos peitos erguendo ao Ceo as mãos!
Vão murmurando sonhos as ceifeiras.
Aos astros diz o Sol: «Orae, Irmãos!»

E, emquanto o Mar ajoelha nos escolhos,
Rezando á Luz, o Sol fechou os olhos.

Vae a Noite a caïr.
— Misteriôso Poëta,
Que segredas á Praia, a imprudente Julieta?...

E o Mar, sem responder, soltou mais um gemido,
Talvez pena d'amôr, fome de luz talvez,
Ou triste despertar d'um sonho dolorido...

...Não sei que disse a Praia: — O Mar beijou-lhe os pés.

Sobe de manso a Lua envolta em lacteo manto,
Lendaria Castelã. Desmaia o Ceo. E emquanto,
De vagar, vae fugindo a côr crepuscular,
Ergue-se o Pensamento a Deus. — Eu vou rezar.

*
* *

Intangivel Espirito que habitas
Em toda a Creatura! ó Deus que estás no Ceo
Que é o todo universal, que por teu sôpro agitas,
— Seja glorificado o santo nome teu!

Venha até nós, Senhôr, a tua voz suave
Que reina sem esforço em toda a Natureza!
E que a tua vontade inconcebivel grave
Sobre a vaidade humana o sêlo da fraqueza.

Que o Pão da Vida forte em nossa entranha cresça!
E, tu, vem perdoar ao nosso coração
Todo o pecado, ó Pae; para que assim floresça
No duro peito humano o lyrio do Perdão!

Não deixes o teu filho envaidecer, e vem
Afasta-lo do Mal que sôbre a Terra esvoaça.
Derrama sobre nós a Luz que é nossa Mãe,
E reina eternamente, emquanto o Homem passa!